

FÁBIO LUCAS

Luzes e Trevas — Minas Gerais no Século XVIII

Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998

in Terceira Fronteira,
n.º 2, Porto, FLUP, 1999

Fábio Lucas, ensaísta e crítico bem conhecido em Portugal, é de há muito estudioso atento do período setecentista da literatura brasileira. Para além de artigos vários publicados em revistas e jornais, é autor de dois trabalhos recentes particularmente importantes: o capítulo «Silva Alvarenga — Luzes e trevas do setecentos» com que colaborou na reedição dos *Autos da Devassa — Prisão dos Letrados do Rio de Janeiro — 1794* (org. de José Pereira da Silva, Niterói, 1994); e a edição que preparou da *Glaura* de Silva Alvarenga (São Paulo, 1996).

Apresentado como tentativa de «revolver as raízes da formação de Minas e do Brasil», o volume em apreço reúne cerca de dezena e meia de artigos consagrados a figuras, obras e temas nucleares da história cultural e literária mineira desta época decisiva de formação da brasilidade. Como destaca o A. na *Apresentação*: «Pela primeira vez, no Brasil, o conjunto de circunstâncias fez agruparem-se, em torno dos mesmos ideais, inteligências pioneiras do país, insufladas pelos sentimentos nativistas e pela percepção vivencial do mundo que incluía a descontinuidade cultural em relação às fontes europeias» (p. 7). Lançando mão de registos diversos — que vão do ensaio propriamente dito à

síntese crítica, geralmente bem informada, passando pelo comentário analítico ou pela resenha de um estudo ou de uma reedição recente —, Fábio Lucas apresenta-nos um panorama muito completo sobre um tema que, apesar do renovado interesse que vem merecendo nos últimos tempos, carecia de revisão.

Como seria de esperar, a produção literária é a vertente que merece maior atenção. Com muito acerto, o A. começa por mostrar os juízos precipitados e preconceituosos de que foram vítimas durante algum tempo alguns dos poetas mineiros setecentistas, defendendo que «O Arcadismo, não obstante a limitação que as convenções literárias impunham, servia de corrente de transmissão do pensamento mais avançado da civilização ocidental» (p. 7). Nesse sentido, chama a atenção para a feição nativista do seu Neoclassicismo e para os valores ilustrados que comparecem nas suas obras, muitas vezes em composições de tipo laudatório.

Um dos poetas que suscita o interesse particular do A. é Manuel Inácio da Silva Alvarenga. Classificando-o como «um perfeccionista de versos equilibrados e de emoções controladas» (p. 24), Fábio Lucas identifica na sua obra três pontos centrais: a crítica aos preceitos barrocos,

a apreensão do mundo ilustrado e a harmonia e o decoro na produção lírica.

Apenas uma nota lateral a propósito de dois lapsos do A. no domínio da biografia do poeta de *Glaura*. Alvarenga iniciou o seu curso de Direito Canónico na Universidade de Coimbra não em 1771, mas em 1768 (matriculou-se em *Instituta* a 1 de Outubro desse ano). Por outro lado, face àquilo que nos diz o seu processo de estudante universitário, é provável que os seus estudos propedêuticos tenham sido feitos em Minas, e não no Rio. Com efeito, é conhecida uma provisão de D. José, passada a 17 de Maio de 1769, pela qual «lhe faz mercê que se lhe leve em conta o ano de 1766 que cursou Lógica no Seminário da cidade de Mariana».

Outros poetas que merecem uma atenção cuidada do A. são Tomás António Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Francisco de Melo Franco. A abordagem dos dois últimos é feita a partir de uma espécie de resenha a obras recentes que lhes dizem respeito. No caso de Cláudio, trata-se de um ensaio de Edward Lopes intitulado *Metamorfoses — A Poesia de Cláudio Manuel da Costa* (São Paulo, 1997). No caso de Melo Franco, o pretexto é a reedição de dois importantes textos seus: o

menos conhecido *Medicina Teológica* e o apreciado poema herói-cômico *Reino da Estupidez*.

Outro aspecto da produção cultural mineira do século XVII que merece o interesse de Fábio Lucas é o progresso científico, abordado a partir da consideração dos trabalhos de João Manso Pereira — uma figura polifacetada, que viria a integrar a Sociedade Literária do Rio de Janeiro — no domínio da química e das suas aplicações agrícolas.

Outro tema incontornável num trabalho deste tipo é o da Inconfidência Mineira. Para além de passar em revista o discurso historiográfico que lhe foi sendo dedicado e de reflectir sobre algumas das suas figuras emblemáticas, como Tiradentes, o A. apresenta-nos uma interessantíssima panorâmica sobre a presença do tema na literatura brasileira, desde as suas primeiras manifestações até à actualidade.

Em suma, estamos perante um trabalho que nos fornece uma

visão de conjunto bem fundamentada sobre uma época fundamental no processo de formação da cultura brasileira. Logrando ultrapassar as visões parcelares e precipitadas, Fábio Lucas deixa-nos uma série de pistas para entender a produção literária da chamada «plêiade mineira» como parte de um conjunto mais complexo e mais vasto.

Francisco Topa

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

Desconversa (Ensaio Crítico)

Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1998

No prefácio a esta colectânea, Antonio Cândido afirma: “*Desconversa* parece uma demonstração das diferentes tarefas do crítico, e por esse lado é uma verdadeira lição” (p.10). De facto, um dos aspectos que ressalta numa primeira leitura dos treze ensaios que compõem o livro é o seu carácter polifacetado. Isto revela-se, desde logo, na proveniência dos próprios textos: uma parte significativa tem por base comunicações e estudos apresentados a diversos congressos, colóquios e seminários; outros foram já publicados noutras obras, nomeadamente sob a forma de introdução ou prefácio — como é o caso do belíssimo “À escuta do verbo”, incluído no livro de Betty Mindlin *Unwritten Stories* (Austin: University of Texas Press, 1996).

Nos ensaios de Walnice Nogueira Galvão, as várias áreas de reflexão sobre o fenómeno literário — teoria, história, crítica, tematologia — dialogam e entrecruzam-se, notando-se uma especial predilecção pelo enfoque comparatista. Rejeitando a imposição *a priori* de modelos rígidos e o *jargão* de algumas abordagens críticas e teóricas, o qual tende a obscurecer o contexto social e ideológico em que os textos se inserem, a autora adopta uma perspectiva dinâmica que permite realizar plenamente o potencial dialógico dos textos na sua relação com o mundo e, sobretudo, com a realidade brasileira.

Desde os estudos em que prevalece a abordagem temática — como, por exemplo, “Forasteiros” (um estudo das representações da figura do estrangeiro nas obras de autores como Guimarães Rosa, Mário de Andrade, entre muitos outros) ou “*Uma Cidade, Dois Autores*” (onde se confronta o poder estruturante da vivência cidadina em textos de Machado de Assis e de Lima Barreto) —, passando por ensaios de índole genológica, como “À Margem da Carta” (sobre o papel da epistolografia nos estudos literários). O que vem sempre ao de cima, mais do que o gosto pela crítica, é uma autêntica paixão pela crítica. Já Roland Barthes, no seu livro *Crítica e Verdade*, propunha que “passar da leitura à crítica é mudar de desejo, é deixar de desejar a obra para desejar a própria linguagem. Mas, pelo mesmo acto, é também remeter a obra para o desejo da escrita, que a gerou.”

Se tivesse que escolher, de entre os treze ensaios de *Desconversa*, aquele em que esse desejo é mais evidente, optaria decerto por “Demiurgos”, brilhante estudo sobre as meditações em torno do acto de escrever em dois autores tão diferentes entre si como Jorge Luis Borges e Clarice Lispector. Para “aguçar” o apetite do potencial leitor, transcrevo em seguida algumas considerações tecidas a propósito da escrita de Clarice: “Trata-se bem de uma

demanda; mas o leitor jamais se certifica do objectivo dela. Talvez de uma transcendência impossível, buscada no alarido do dia-a-dia? (...) Nesses textos, o leitor duplica o gesto da narradora, aproximando-se e afastando-se; a catarse entrevista não se realiza, fica hesitando no horizonte da ficção” (p.76).

Mas se é certo que o discurso crítico de Walnice Nogueira Galvão é atravessado pelo desejo da escrita e da linguagem, ele não deixa também de ser social e politicamente *responsivo* no mais profundo sentido humano. Em particular nos ensaios “As Falas, os Silêncios” — sobre o papel da intelectualidade brasileira antes e depois do golpe de 64 — e “Os Estudos Brasileiros” — relatório circunstanciado sobre a preocupante situação actual da cultura brasileira no panorama internacional —, pode entrever-se uma consciência muito aguda da atitude fundamentalmente *opositiva* que deve caber ao crítico. Como sublinha Edward Said, em *The World, the Text, and the Critic*, uma das tarefas essenciais da moderna consciência crítica passa pelo desafio e oposição à hegemonia das representações políticas e culturais dominantes.

Os dois referidos ensaios terminam numa nota pessimista. Em “As Falas, os Silêncios”, a autora assinala “o conformismo e a redundância”, “a fase de desencanto conservador que